

O PORTUGUÊS DO BRASIL EM GRAMÁTICAS
BRASILEIRAS DO SÉCULO XIX

Olga Ferreira Coelho
Universidade de São Paulo
olgafc@usp.br

Stela Maris Detregiacchi Gabriel Danna
Universidade de São Paulo
smdanna@hotmail.com

Bruna Soares Polachini
Universidade de São Paulo
bpolachini@gmail.com

RESUMO:

Analisamos um conjunto de dez textos gramaticais que contribuíram para a formação de uma ‘escola’ brasileira de descrição do Português ao longo do século XIX, com o objetivo de identificar como essa gramaticografia emergente lidou com o Português do Brasil. A análise permitiu observar a que fontes foram atribuídas as especificidades brasileiras; quais foram as formas linguísticas preferencialmente analisadas e que pressupostos e técnicas animaram o tratamento das peculiaridades locais. Esboçamos, a partir dos dados obtidos, um perfil do pensamento gramatical brasileiro naquele período de formação e apontamos alguns de seus traços de maior durabilidade histórica, quando pensamos na gramática ou, de uma forma mais ampla, nos estudos acerca do Português do Brasil desenvolvidos no país.

PALAVRAS-CHAVE: Historiografia Linguística, gramática, português do Brasil, século XIX.

ABSTRACT:

We have analyzed a set of ten grammatical texts that contributed to the formation of a Brazilian ‘school’ of description of the Portuguese language throughout the nineteenth century, aiming at identifying how this emerging grammaticography dealt with Brazilian

Portuguese. The analysis allowed us to observe to which sources Brazilian linguistic specificities were assigned; which linguistic forms were preferentially analyzed and which assumptions and techniques encouraged the treatment of local linguistic peculiarities. We have outlined, from the data obtained, a profile of Brazilian grammatical thought on that period. We also pointed out some of its traits of greater historical durability, regarding with grammar or, more broadly, with studies on Brazilian Portuguese developed in the country.

KEYWORDS: Linguistic Historiography, grammar, Brazilian Portuguese, 19th Century.

Introdução

O século XIX foi profícuo em textos que trataram da língua portuguesa falada no Brasil. Pinto (1978) apresenta boa parte dessa produção e discute suas características, consideradas bastante heterogêneas. Tal heterogeneidade, comprova-o a autora, liga-se à natureza dos textos (já que o tema interessou a uma diversificada parcela da intelectualidade de então), a fatores relacionados a atmosferas de época, e a afiliações – sobretudo quando se aproxima o último quartel do século – a correntes do pensamento (linguístico ou não) distintos. Coelho (2003; 2008; 2012) explora os materiais voltados para o exame do léxico ‘brasileiro’, que, junto das questões fonéticas, conforme já assinalara Pinto, foi um dos principais focos dos interessados em discutir a variedade da língua portuguesa que aqui se falava nos anos 1800. Gurgel (2008), Vidal Neto (2010) e Polachini (2013), em dissertações dirigidas a temas mais específicos, examinaram parte dos textos gramaticais daquele século que versou sobre o tema.

Neste artigo, utilizamos dados de uma investigação interessada na reconstrução do processo de formação de uma ‘escola’ brasileira de descrição gramatical do Português a partir do século XIX. O objetivo mais específico desse projeto coletivo, inserido na área da Historiografia Linguística, é chegar a um feixe de características estruturantes do pensamento gramatical brasileiro nesse período de formação, e, de algum modo, contribuir para a identificação de seus traços de maior durabilidade histórica, quando pensamos na gramática ou, de uma forma mais ampla, nos estudos da língua portuguesa desenvolvidos no Brasil. Para tanto, têm sido considerados trabalhos gramaticais publicados

nos anos 1800¹, bem como aspectos que dizem respeito aos contextos de produção e circulação dessas obras. A seleção do *corpus* foi feita com a intenção de percorrer todo o século, e levou-nos a textos aparentemente representativos de diferentes fases da história linguística, intelectual e social do país.

O século XIX é, ao que parece, um dos momentos cruciais do percurso de formação histórica do Português do Brasil (doravante PB). Há estudos² apontando usos linguísticos que parecem, se não surgiram, ao menos se difundiram mais, ou se tornaram mais consistentes nesse período. Complementarmente, do ponto de vista contextual (ou da história social da língua), tais processos linguísticos emergiram em um século perpassado, em diferentes graus, por ‘nacionalismo’, ‘cientificismo’, esforços por uma ‘fundação cultural’ do Brasil, por revoluções como a Independência, Abolição da Escravatura, a adoção de um regime republicano de governo, pelos fluxos migratórios de estrangeiros, pelo início de processos de urbanização, entre outros acontecimentos de enorme impacto social. O contexto (linguístico e sócio-histórico) do século XIX no Brasil parece, assim, apresentar-se como elemento favorável ao florescimento de uma gramaticografia nacional do Português, se levarmos em conta aquilo que a Historiografia da Gramática tende a destacar como um aspecto bastante importante para que esse tipo de produção tenha se desenvolvido em diferentes civilizações. Swiggers (2014), por exemplo, ressalta

-
- 1 Trata-se de trabalhos portugueses e brasileiros que teriam, por um lado, integrado o conjunto de referências da gramaticografia brasileira que se organiza a partir do século XIX, ou, por outro lado, integrado essa gramaticografia. São eles: OLIVEIRA, 1536; BARROS, 1540; LOBATO, 1770; BACELAR, 1783; MORAES SILVA, 1806; COUTO E MELO, 1818; SOARES BARBOSA, 1822; CONSTÂNCIO, 1831; FREIRE, 1842; OLIVEIRA, 1862; CALDAS AULETE, 1864; SOTERO DOS REIS, 1866; FREIRE DA SILVA, 1875; BRAGA, 1876; CARNEIRO RIBEIRO 1877; ALMEIDA NOGUEIRA, 1881; RIBEIRO, 1881; GRIVET, 1881[1876]; LAGE, 1882; MACIEL 1887; RIBEIRO 1889[1887]; GOMES, 1887; CARNEIRO RIBEIRO, 1890; COELHO, 1891; MAIA, 1899; BOSCOLI, 1899; SAID ALLI, 1919 [1987, 1888, 1894, 1895, 1908].
 - 2 Vejam-se, por exemplo, os dados de fenômenos sintáticos acerca de especificidades do português falado no Brasil, descritas em estudos de Linguística Paramétrica, como a ausência do clítico ‘o’ proposicional, o objeto nulo que se torna frequente, a substituição da ênclise pela próclise (cf. CYRINO, 1993), o sujeito preenchido bastante encontrado (cf. DUARTE, 1993), as relativas ‘cortadoras’ e ‘copiadoras’ (cf. TARALLO, 1983), os usos do ‘se’ apassivador e indeterminador (cf. NUNES, 1991), o enfraquecimento da concordância (cf. GALVES, 1993), entre outros.

el hecho de que la emergencia de una reflexión (o actividad) gramatical parece estar ligada a la presencia de una dualidad percibida: sea la dualidad entre lengua oral y escritura, sea la dualidad entre una lengua arcaica y la lengua del presente, sea la dualidad entre lengua materna y lengua(s) extranjera(s). El “reflejo gramatical”, pues, parece tener su origen en una experiencia “diferencial (página não enumerada).

Tanto do ponto de vista linguístico quanto do ponto de vista sócio-histórico, a experiência diferencial em relação a Portugal se robusteceria ao longo do século XIX, apoiando o desenvolvimento da mencionada consciência de uma *dualidade*. Estamos, pois, diante de um momento-chave para a emergência e o desenvolvimento de uma ‘escola’ local de produção de textos gramaticais e de produção de reflexões específicas sobre o PB.

Considerando a história da língua, os responsáveis por essa produção gramatical puderam testemunhar ‘mudanças em progresso’ ou ao menos usos em franco favorecimento em sua época. Assim, suas gramáticas permitiriam, por hipótese, observar formas ‘especializadas’ (as dos estudiosos da linguagem) de lidar com (‘novos’) fatos linguísticos.

Em vista disso, procuramos apresentar um mapeamento preliminar das formas como essa gramaticografia emergente lidou com o PB. Tal mapeamento estruturou-se com base nos seguintes questionamentos: a) a que fontes foram atribuídas as especificidades brasileiras (literatura, imprensa, fala popular, fala regional, arcaica)? b) que formas linguísticas receberam mais atenção (fonéticas, morfológicas, sintáticas, semânticas) e como foram categorizadas (variantes, erros, usos determinados pelo estilo)? e c) que pressupostos e técnicas foram adotados para tratar dessas peculiaridades?

Para lidar com essas questões, nos limites de um artigo, elegemos, do *corpus* total, os seguintes textos-exemplos:

MORAIS SILVA, A de. *Epítome da Grammatica Portuguesa*, 1806.

CORUJA, A. A. P. *Compendio da grammatica da lingua nacional dedicado á mocidade rio-grandense*, 1835.

SOTERO DOS REIS, F. *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediata applicação pratica*, 1866.

CARNEIRO RIBEIRO, E. *Grammatica portugueza philosophica*, 1877.

RIBEIRO, J. *Grammatica Portuguesa*, 1881.

RIBEIRO, J. *Grammatica portugueza: 3º anno*, 1889[1887].

- PACHECO DA SILVA JR., M. da & LAMEIRA DE ANDRADE. *Noções de grammatica portugueza*, 1887.
- CARNEIRO RIBEIRO, E. *Serões Grammaticaes*. Nova Grammatica Portugueza, 1890.
- MACIEL, M. A. *Grammatica Descriptiva baseada nas doutrinas modernas*, 1902[1894].
- SAID ALI, M. *Difficuldades da Lingua Portugueza*, 1919[1908; 1895-1884].

Nesse conjunto, composto preponderantemente de obras intituladas ‘gramáticas’ e conformadas às características gerais desse gênero textual³, estão também incluídos artigos publicados, ainda no século XIX (em 1894 e 1895), por Manuel Said Ali Ida (1861 – 1953). Os temas desses artigos eram a colocação pronominal, fenômenos de entoação e verbos sem sujeito; poderiam, como se intui, ensejar considerações acerca do PB. Por essa razão, e pelo grande prestígio de seu autor, também foram analisados como textos gramaticais de relevância nesta investigação, recuperados em suas revisões publicadas, sob a forma de capítulos, na segunda edição do clássico *Difficuldades da Lingua Portugueza* (1919).

1. Presença vs. ausência de menções ao PB

Uma primeira aproximação dessas obras permitiu observar que, conforme se desenrola o século, os gramáticos parecem se tornar cada vez mais conscientes da existência de algum nível de divergência entre o PB e o Português Europeu (doravante PE). Pareceu-nos sintomático de uma consciência ainda difusa que, entre os textos publicados no início de século, Morais 1806 apresentasse uma única menção explícita a uso não lusitano (*das Colonias*)⁴, na mesma medida em que Coruja (1835), autor de um artigo dirigido ao estudo

3 Uma gramática, como gênero textual, conteria: (i) unidades categorizadas, (ii) exemplos, e (iii) regras mais ou menos explícitas para a construção de enunciados em uma dada língua (AUROUX, 2009[1992], p. 66).

4 “Quando o verbo tem um termo da sua acção, e é a primeira pessoa, ou segunda, usamos de *me, te*; e sendo terceira pessoa usamos de *lhe (b)* [...] (*b*) O caso *lhe, e lhes* é termo, e não paciente: v. g. “*tomou-lhe a noite* com historias velhas; *tomou-o* a noite ali: » i. é, sobreveyo *lhe* naquelle lugar. [...] *Eu lhe amo, lhe adoro; são erros das Colonias; quero-lhe como á minha vida; sc. quero-lhe bem, como &c. é correcto.*”

do léxico de uma região do jovem país⁵, e Sotero dos Reis (1866), que em obra sobre literatura apresenta dados fonéticos do PB⁶, não mencionassem usos locais em suas gramáticas.

Com efeito, a identificação explícita de usos brasileiros começa a aparecer em maior volume, embora sempre discreto em relação ao volume de dados apresentados como ‘da língua portuguesa’, nos textos publicados mais proximamente ao final do século. Há, assim, em todas as obras do *corpus* publicadas a partir de 1877 (neste caso, a partir da gramática de Carneiro Ribeiro), menção a peculiaridades do PB na pronúncia, no léxico, na morfologia e na sintaxe. Também são feitas, ainda que esparsamente, menções a propriedades gerais do PB, sem o apontamento de dados ou de níveis de análise específicos.

Por fim, quando chegamos ao outro extremo temporal estabelecido nesta investigação, isto é, aos textos de autoria de Said Ali, notamos que: 1) ao discorrer sobre os *Verbos sem sujeito* do português, o autor não menciona diferenças entre o PB e o PE; sobre este tema, as comparações que faz são entre o português e outras línguas, tais como o francês e o alemão; 2) no estudo denominado *Phenomenos de intonação*, na edição de 1919, encontramos uma breve consideração – inexistente no artigo original de 1895 – sobre o falar ‘brasileiro’, que funcionaria tal como o falar ‘português’ quanto ao uso de expressões interrogativas para enfatizar termos da oração; 3) nos capítulos da edição de 1919 sobre a colocação pronominal, originados do desmembramento e do desenvolvimento de partes do artigo de 1895, Said Ali evidencia diferenças entre o PE e o PB na questão da colocação pronominal. A reorganização da redação – percebida quando comparamos os textos de 1895 e 1919 – não produziu acréscimos à discussão iniciada ainda no final do século XIX. Em linhas gerais, Said Ali propunha uma explicação baseada em questões ‘fonéticas’ para compreender e legitimar tanto as variantes lusitanas quanto as brasileiras

5 CORUJA, Antonio A. P. Collecção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. *Revista do IHGB*, 1852, Tomo XV, p. 205-238. Comparamos a primeira edição da gramática, de 1835, com a de 1873, a qual é posterior à publicação do artigo mencionado, e observamos que não há dados de PB em ambas as edições; logo, parece-nos, a ausência desse tipo de dado em gramática deu-se por própria escolha do gramático e não por falta de (re)conhecimento ou de acesso a dados.

6 No prefácio ao primeiro volume de seu *Curso de Litteratura Portugueza e Brazileira*, de 1866, Sotero dos Reis compara o falar do sul do país, São Paulo, com o do norte, Maranhão, dizendo que aquele seria um português alterado enquanto este estaria mais próximo do lusitano.

da colocação dos pronomes⁷. O autor, assim, identifica e descreve alguma variação, mas tende a propor explicações suficientemente generalizantes para abarcar ambas as variedades linguísticas, revelando, dessa forma, e tal como os gramáticos anteriores, a percepção de língua portuguesa como um todo unificado, naturalmente sujeito a distinções nos usos.

2. Os textos que mencionam o PB

Observação mais atenta à natureza das descrições e dos comentários que colocam o PB em evidência permite-nos assinalar que, diferentemente da preponderância de dados fonéticos e lexicais, apontada por Pinto (1978) e Coelho (2003) – que consideraram textos de natureza variada e de diversificada procedência –, predominam, nos textos gramaticais aqui analisados, os dados sintáticos. Uma tabela-síntese da quantidade e da distribuição, por níveis, dos fenômenos linguísticos que permitiram aos autores de textos gramaticais discurrir sobre o PB é apresentada adiante.

Os dados foram contabilizados levando em consideração os ‘fenômenos’ (por exemplo, a colocação pronominal, a presença de um segmento fônico ‘arcaico’ no PB falado no interior de São Paulo, a construção de orações relativas sem preposição antecedente ao pronome *que*, as incorporações americanas/africanas ao léxico, as distinções semânticas de itens lexicais compartilhados por portugueses e brasileiros etc.) e não as ‘ocorrências’ (quantos dados ou exemplos se mencionam de um mesmo ‘fenômeno’ ao longo da argumentação desenvolvida). Com isso, evitamos a distorção de, por exemplo, considerar que uma obra que apresente uma longa lista de vocábulos e expressões usados apenas no Brasil (casos de PACHECO & LAMEIRA, 1887; e CARNEIRO RIBEIRO, 1877 e 1890, por exemplo) pudesse figurar como mais atenta às distinções entre o PB e o PE que outra que registrasse um leque maior de fatos linguísticos (casos de RIBEIRO, 1881; PACHECO & LAMEIRA, 1887; e MACIEL, 1902[1894]).

OBRAS / FENÔMENOS	Fonéticos	Morfológicos	Lexicais	Sintáticos	Gerais	Total
Morais Silva (1806)	0	0	0	1	0	1
Coruja (1835)	0	0	0	0	0	0
Sotero dos Reis (1866)	0	0	0	0	0	0

⁷ Para uma análise mais aprofundada do tratamento dado ao autor a esse tema, consulte-se Danna (2014).

OBRAS FENÔMENOS	Fonéticos	Morfológicos	Lexicais	Sintáticos	Gerais	Total
Carneiro Ribeiro (1877)	3	0	4	2	0	9
Ribeiro (1881)	4	1	0	13	0	18
Pacheco & Lameira (1887)	3	3	6	3	3	18
Ribeiro 1889[1887]	1	0	3	1	2	7
Carneiro Ribeiro 1890	3	0	4	2	0	9
Maciel 1902 [1894]	2	2	4	5	0	13
Said Ali 1919[1908; 1895]	1	0	0	1	1	3

Tabela 1: Quantificação e distribuição de dados do PB presentes em textos gramaticais brasileiros do século XIX

Notam-se claramente na tabela dois fatos:

1) São poucos (78 ao todo) os fenômenos apontados (sobretudo levando-se em conta que as obras tratam de centenas de temas e subtemas gramaticais e que, aquelas que mencionam o PB, o fazem apenas marginalmente, incluindo tais menções algumas vezes em seções específicas (vícios, brasileirismos, provincianismos), outras vezes em meio a detalhamentos em relação a observações mais gerais sobre ‘a língua portuguesa’;

2) há aumento considerável no número e na variedade de fenômenos registrados a partir do texto de Júlio Ribeiro (1881), considerado o fundador da chamada ‘gramática científica’ no país. Tendência que se opunha à orientação racionalista (filosófica) dos trabalhos anteriormente publicados, a ‘gramática científica’ parece ter conferido mais atenção à descrição, ou, ao menos, à apresentação de (mais) dados específicos (cf. VIDAL NETO, 2010) para análise e exemplificação. Ainda assim, é possível notar, no *corpus* selecionado, um movimento ambíguo em Ernesto Carneiro Ribeiro (1839 – 1920): autor de duas obras, uma primeira ‘filosófica’ e uma segunda ‘científica’, ele parece ter reduzido a citação efetiva de textos de ‘bons autores’ no último trabalho, embora nele tenha ampliado a incorporação de dados da diacronia da língua. Voltaremos a esta questão da relação entre orientação teórica e formas de lidar com os dados nas conclusões; por ora, cabe assinalar que foram principalmente as gramáticas mais afinadas com a gramática histórico-comparativa (as chamadas ‘científicas’) as que concederam maior atenção aos dados do PB.

A distribuição dos fenômenos por nível de articulação, como dissemos, revela que os autores privilegiam os fatos sintáticos (28), vindo em seguida os de ordem lexical (21), os fonéticos (17) e os morfológicos (6). Além desses fenômenos específicos, há, no *corpus*, 6 referências gerais (sem especificação de dados ou de nível de articulação) ao PB.

Apontamentos mais qualitativos sobre as formas de tratamento do PB nessas obras são feitos a seguir.

2.1 Fenômenos sintáticos

Vejam, inicialmente, alguns exemplos:

- a. “Nas sentenças interrogativas *pospõe-se* o pronome sujeito ao verbo, ex. : << *Queres TU vir almoçar comigo?* >>. Cumpre notar que, principalmente no Brasil, vai-se estabelecendo o uso de construir as sentenças interrogativas em ordem direita, deixando-se o seu sentido de pergunta cargo sómente da inflexão da voz, ex. : << *TU queres vir almoçar comigo?* >>.” (RIBEIRO, 1881, p. 221)
- b. “Toda a palavra que serve de objecto a um verbo *põe-se* em relação objectiva. Como em Portuguez não se declinam os substantivos, a applicação desta regra só se torna patente quando o objecto é representado por um pronome substantivo, ex. : << *Eu o vejo—Queres-ME muito* >>. Pôr em relação subjectiva o pronome substantivo que serve de objecto a um verbo é erro comezinho no Brasil, até mesmo entre os doutos: ouvem-se a cada passo as locuções incorrectas << *Eu vi elle—Espere eu* >>.” (RIBEIRO, 1881, p. 230)
- c. “E so assim explica-se a existencia de tal uso no fallar da gente rude brasileira: é um legado dos colonisadores.). Substituem tambem *ter* a *haver*, e dizem : << *TEM muita gente na igreja—Agora TEM muito peixe no tanque* >>. Este uso vai-se tornando geral no Brasil, até mesmo entre as pessoas ilustradas”. (RIBEIRO, 1881, p. 257)
- d. “*Não* é a palavra de negação perfeita, ex.: << *NÃO posso —NÃO dou—NÃO* >>. Em algumas provincias do Brazil, como Bahia, Minas, *não* duplica-se, ex. : << *NÃO posso, NÃO. NÃO dou, NÃO* >>.” (RIBEIRO, 1881, p. 260)
- e. “A preposição *a* liga-se por vezes ao nome que rege, de modo que fôrma com elle um todo susceptivel de ser regido por outra preposição, ex. : << *Vou de a pé—Andamos de a cavallo* >>. Estas locuções usadissimas entre nós pelos *caipiras* constituem um romanicismo extreme, que tambem se encontra no Hespanhol [...]” (RIBEIRO, 1881, p. 263)
- f. “Não se deve começar uma oração pelo pronome em relação objectiva (*me parece, te disse, lhe falei*). O povo (no Brazil) conserva-se, porrem aferrado ás normas proclíticas [...]” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 493)

- g. “Diferenças syntaxicas importantes [entre o PB e o PE] são raras, e apenas na linguagem vulgar: fui na casa, estava na janella; o emprego do pronome sujeito pelo objecto: -- *vi elle* e também *vi-lhe*, isto é *para mim* ler”. (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 511)
- h. “A expressão *o que é a vida?* como a anteposição do pronome *o* é provavelmente um “brasileirismo”. O uso clássico não admite anteposição de *o*. Os bons escriptores confirmam tal uso: Mulher, *que me pedes tu* (Al. Herculano, *Arrhas*, VII).” (RIBEIRO, 1889 [1887], p. 238).
- i. “Os brasileirismos syntacticos consistem em construcções divergentes do cunho vernaculo. Taes são: 1. O emprego do pronome *lhe*, como objectivo: Amo-*lhe* (Norte) = Amo-*o* 2. O emprego do pronome *elle*, como objectivo: Vi *elle*. = Vi-*o* 3. A anteposição indebita dos pronomes-complementos: *Me* disse (disse-me). *Te* chamou (chamou-me). 4. A regencia *para mim*, *para ti*, antes do infinito: Para *mim* ver (Sul). = Para eu vêr. 5. A preferência por construcções: *Estou com fome*. *Estou com sede*. *Estou com febre*. Em vez de outras, de melhor uso vernáculo: *Tenho* fome. *Tenho* sede. *Tenho* febre. 6. O emprego da preposição *em* por *a*: Chegou *na* janella. = Chegou à janella. *Vá na* loja. = *Vá à* loja. [...]” (RIBEIRO, 1889[1887], p. 308-310)
- j. “Na syntaxe, notam-se também brasileirismos, entre os quaes predominam as construcções em que são dispostos os pronomes complemento de modo contrario á ordem que sempre *lhe* deram os bons escriptores. Assim não é difficil encontrar as phrases seguintes: *o homem cuja casa incendiou-se* [...] *Nunca vi-o tão alegre, em vez de Nunca o vi tão alegre.*” (CARNEIRO RIBEIRO, 1890, p. 353-354).
- k. “O *brazileiro* que se fala no Brazil e se revela no uso de termos exclusivamente brasileiros e em certos processos de construcção irregular, proprios dos Brasileiros, principalmente no tracto familiar, ex.: estar *na* janela, isto é *para para mim* ver, *vi elle* entrar, a pessoa *que* eu falei *com ella*, *tem* missa hoje.”. (MACIEL 1902[1894], p. 325)
- l. “Neste, como no capitulo seguinte, detenho-me algum tanto em analysar a collocação dos pronomes segundo tem sido praticada em Portugal; mas creio que, fazendo-a comprehender devidamente, melhor se entenderá a razão da diversidade do falar brasileiro, de que me occupo na parte final deste estudo.” (SAID ALI, 1919[1908;1895], p. 29).

- m. “A verdadeira conclusão científica não pode ser senão esta: em Portugal é certa a collocação peculiar dos pronomes por ser de uso geral; no Brasil também é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral.” (SAIDALI, 1919[1908;1895], p. 82).

Entre os fenômenos sintáticos merecedores de atenção nas obras selecionadas, estiveram: ordem dos termos (incluindo colocação pronominal), concordância, regência (aí incluído o emprego dos pronomes retos e oblíquos), construções relativas (como no exemplo *a pessoa que eu falei com ella*, em Maciel), generalização do uso de *ter* com valor existencial em lugar de *haver*, negação e empregos do artigo.

De todas as especificidades levantadas do PB, duas foram mencionadas por mais de um autor: (i) Ribeiro (1881), Pacheco & Lameira (1887), Ribeiro (1889[1887]) e Carneiro Ribeiro (1890) citam empregos dos pronomes na posição de complementos; (ii) Ribeiro (1889[1887]), Pacheco & Lameira 1887, Carneiro Ribeiro (1890) e Said Ali (1919[1908; 1895]) expõem preferências brasileiras na colocação pronominal.

Nos textos analisados, vemos indícios de que a questão dos pronomes ganhou algum destaque no tratamento dado aos fenômenos do PB. Também é nítida a preponderância de julgamentos negativos dos usos locais, na maioria dos casos identificados como ‘erros’, usos ‘indevidos’, formulações contrárias aos usos dos bons autores etc. No entanto, há também, como por vezes a historiografia tem negado, particularidades do PB comentadas e contrastadas com usos lusitanos sem juízos de valor diretos.

Os dados do PB são, preferencialmente, de língua idealizada (providos pelos próprios autores). Em alguns casos, são contrastados com dados do PE retirados de textos literários do cânone lusitano.

Alguns dos autores demonstram preocupação em demarcar regiões ou grupos sociais em que seriam mais comuns certos usos – o que se alinha a ideias acerca de influência climático-geográficas, étnicas que circulam entre intelectuais dessa época. Um discurso de naturalidade e inevitabilidade da mudança e da variação por vezes convive com a atitude de corrigir os ‘maus’ e difundir os ‘bons’ usos, paradoxo mais ou menos recorrente na história da gramática, talvez vinculado ao caráter instrutivo-pedagógico assumido historicamente por esses textos.

2.2 Fenômenos lexicais

Expomos, abaixo, alguns trechos:

- a. “O português fallado no Brazil diverge do falado em Portugal, não só, e mui principalmente, na pronuncia, mas também em algumas transferencias de significação [...].
O vocabulario é o mesmo, mais opulentado com o elemento tupy-guarani, e mais alguns termos africanos. Devemos, porem, attender ás inevitaveis idiossyncrasias mentaes”. (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 510)
- b. “[...] Estas mudanças constituem os brazileirismos, americanismos, provincialismos... Ex. *Babado* em Portugal = cheio de baba, no Brazil – id., e folhos de vestido; *capoeira* em Port. = gaiola para guardar aves, no Brazil = id., e matagal de arvoredos tenues, aves, individuos que atacam com a cabeça e os pés, etc.; *muqueca*, em Port. é termo de agricultura, e no Brazil – guizado de peixe e camarão; *calunga* (voz africana) na Bahia significa ratinho, em Pernambuco, boneco de páo, no Rio de Janeiro – companheiro, parceiro (só em linguagem plebéa, dial. Brazil. afr.)” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 71-72)
- c. “[...] em alguns brazileirismos o suffixo eira ou era representa o vocabulo tupi-guarani cuér, cuéra, guê, e denota o tempo passado. Taes são os dous exemplos: Tap-era (aldeia, taba, que existiu) Capoeira – (matto caá, que existiu)” (RIBEIRO, 1889[1887], p. 72)
- d. “Quando porém, todos os elementos do composto são de origem estrangeira, nenhuma consciencia existe dos sentidos elementares do vocabulo. É o que succede com os termos: Redingote – Do inglez: *riding coat*; vestido para montaria. Charcuteria – Do francez: *chaircuitte*. Carne cozida. Biscoito – Do latim: *bis-coctus*. Duas vezes cozido. [...] Xará – Do tupi-guarani: *Xe hera* (absol, *terá*) meu nome. É um brazileirismo.” (RIBEIRO, (1889[1887], p. 74-75)
- e. “Os escritores brazileiros tambem têm contribuido para a riqueza da lingua. Odorico Mendes aportuguezou varias fôrmas como *olhicerulea* Deusa (de olhos azuis), etc. José de Alencar formou varios vocabulos: *garrular*; *inhale* (adjectivo) *afflar* o leque; *elançar* (do francez) etc.” (RIBEIRO, 1889 [1887], p. 179)
- f. BRAZILEIRISMOS são vocabulos ou locuções da lingua portugueza fallada pelos brasileiros, ou modos de dizer especiaes do idioma luso-brazileiro.

Os brasileirismos ou são lexicos ou são syntacticos: os primeiros respeitam às palavras, [...] os segundos dizem respeito á frase ou ao tecido mesmo do discurso.

Dentre os brasileirismos léxicos notam-se certos vocábulo tomados ás lingoas e aos dialectos americanos e africanos. Taes são os vocábulo: tapera, caipora, cacique, quilombo, quiabo [...] lundú, e os vocábulo de tratamento infantil – nhonhô, nhanhan.” (CARNEIRO RIBEIRO, 1890, p. 533)

- g. “Na Bahia, alem de muitos americanismos limitados a essa circumscripção do paiz, e que se estendem ás vezes ao estado do Sergipe, referentes pela maior parte a producções animaes ou vegetaes peculiares aos dois estados, a utensilios e termos da arte culinaria, notam-se alguns outros provincianismos. [...]” (CARNEIRO RIBEIRO, 1890, p. 354)
- h. “Entre vocábulo indígenas, introduzidos no léxico brasileiro, ex.: *bicuiva e bicuiba, inhambu e nhambú, juruty e jurity, piassoava, piassava e piassaba.*” (MACIEL, 1902[1894], p. 193)
- i. “Esses elementos [secundários], salvo o indígena na dialectação brasileira “mal se devem mencionar”, diz o erudito Dr. Alfredo Gomes, pois raros são os especimens, mas oferecemos os seguintes: [...] *i*) Indigenas: jaty, mandioca, caipira, caroba, pagé, pacova, trahira, sabiá (nota 1: O elemento africano se estendeu por todo o norte do Brazil e o indígena por toda a parte, por orça a perto de 6.000. Este indigenismo léxico predomina nos termos locativos e nos atinentes ao reino vegetal e ao animal, abacate, caroba, cajú, goiaba, sabiá, onça, cotia, mico, saguim, etc.)” (MACIEL, 1902[1894], p. 218)
- j. “Muitas palavras têm significado diferente da que se dá em Portugal, taes como: puxado (a uma casa), a obrigação (familia), babado (orla de saia) quitanda (venda de hortalice) azular (fugir), gereré (rede de pescar). (MACIEL, 1902[1894], p. 325)

Os fragmentos exemplificam as quatro questões centrais que envolveram o tratamento do léxico no período: (i) a contribuição indígena americana e africana para o vocabulário do PB, especialmente o relativo ao mundo natural; (ii) as diferenças semânticas de itens lexicais presentes no PB e no PE; (iii) o papel da literatura no estabelecimento e na difusão desse léxico; (iv) os empréstimos de línguas estrangeiras.

Os dados são, majoritariamente, assim como observamos nos trechos sobre fenômenos sintáticos, provenientes de uma língua idealizada. Ribeiro

(1889[1887]), no entanto, refere-se positivamente a itens lexicais do PB propostos por literatos brasileiros em suas obras.

As especificidades lexicais, diferentemente das sintáticas, são legitimadas por todos os autores, com exceção de alguns dos empréstimos (‘estrangeirismos’), percebidos como desnecessários (tanto no PB quanto no PE). Assim, em vez de serem vistas como vícios, erros – mesmo quando situadas como regionalismos (provincianismos), ou como mais populares – são preferencialmente encaradas como especificidades que enriquecem e ampliam o léxico herdado de Portugal.

Algumas obras, como a de Pacheco & Lameira, apresentam listagens relativamente longas de palavras brasileiras – o que poderia apontar, por um lado, para a situação ainda instável desses itens no léxico (que, por isso, precisariam ser identificados e difundidos), e, por outro lado, para o intuito, relacionado à tentativa de adesão a avanços da filologia e da glotologia da época, de investigar com maior rigor as questões históricas e etimológicas da língua.

O léxico, dada sua menor opacidade quanto à origem, converteu-se em objeto privilegiado para considerações sobre a formação histórica do português, em geral, e sobre a reconfiguração de usos linguísticos no Brasil. O reconhecimento de divergências significativas no vocabulário não significou, entretanto, anuência a teses, já em circulação (cf. PINTO, 1978; COELHO, 2003), de autonomia do PB em relação ao PE.

2.3 Fenômenos fonéticos

Alguns fragmentos:

- a. Estes vícios dizem respeito não só á pronuncia das consoantes, dando-se-lhes sons que não tem, senão, principalmente, em relação ás vozes, desprezando-se-lhes os verdadeiros sons, fazendo-se abertas e claras vogaes, que, na genuina pronunciação portugueza, são fechadas e surdas ou mudas, e vice versa [...]” (CARNEIRO RIBEIRO, 1877, p. 57)
- b. “[...] para não fallarmos daquelles vícios mais triviaes, communs a rudes Brasileiros, Alemtejanos, Algarvios, Minhotos e Beirões, e que consistem no addicionamento de letras, em sua diminuição, na mutilação de syllabas, na transposição de caracteres, na completa corrupção dos sons dos vocabulos em parte ou na totalidade, em fim, em diversas outras alterações e adulterações nos vocabulos da lingua [...]”(CARNEIRO RIBEIRO, 1877, p. 57-58)
- c. “Principiando pela vogal *a*, diremos que é muito notavel a tendência que temos, os Brasileiros, para alongar sobre modo a prolação desta

voz. Assim é que os vocabulos *fazer, abrir, aqui, trazer, caber, casaco, cacaco, passar, para* (preposição), *saveiro, haver, camisa, caneco, rapaz* e muitos outros, que na genuina pronuncia portugueza, são pronunciados com o primeiro *a*, pequeno, ou surdo, ou com o som da vogal neutra, de que atraz fallamos, são geralmente pronunciados como se assim fossem escriptos: *fázer, ábrir, áqui, trázer, cáber, cása-co, cácano, pássar, pára, sáveiro, lávar, cámissa, cáneco, rápaz*. [...]” (CARNEIRO RIBEIRO, 1877, p. 58)

- d. “A voz commum *i* representa-se [...] por *e* na terminação de todos os vocabulos barytonos e na conjuncção *e*, ex. : << *cidade—mosarabe—montes e valles* >>, que se lêem << *cidadi—mosarabi—montis i vallis* >>. A maioria dos Brasileiros assim pronuncia : em Portugal diz-se << *cidádê—mosárabê—montês é vallês* >> dando á voz terminal um som abafado, muito distincto de *i*.” (RIBEIRO, 1881, p. 26)
- e. “O diphthongo nasal ãe representa-se sempre por ãe, ex. : << *capitães—mãe* >>. Os portuguezes pronunciam *em* final como o diphthongo ãe : vem dahi a rima tão extranha aos ouvidos brasileiros, de *mãe* com *ninguem, tambem*, etc., ex. : << Triste de quem der um ai / << Sem achar ekho em *ninguem!* / << Felizes os que têm pae, / << Mimosos os que tem *mãe!* >> (1: THOMAZ RIBEIRO, *D. Jayme*, Canto IV)” (RIBEIRO, 1881, p. 48)
- f. “Representa o abrandamento do *dj*, cujo som ainda persiste em alguns angulos de Portugal e em S. Paulo (no linguajar caipira): -- *djá, djogo, djente* e ainda no galleziano, provençal e italiano.” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 33)
- g. “Os romanos desconheciam o nosso *ch* com o som de *x*, e que os nossos maiores pronunciavam *tsche*, como ainda hoje os da Beira, Minho, S. Paulo, os Provençaes, Gallegos, Italianos, etc. É som romano, genuino, que passou para a Inglaterra por influencia franceza (*Charles, cherry*).” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 36)
- h. “Na pronuncia a differença consiste principalmente em mais fazermos soar as vogaes, no accentuarmos syllabas subordinadas, e ainda não estarmos tão sob a lei da menor acção. Influencia climaterica. Pronunciamos *pápel, bórdó, impérador, coróa, pelotão*,... o Portuguez *pâpel, bôrdó, impe’rador, cr’ao, p’lotão*, etc. É também muito commum a troca do *e* pelo *i*: - *mi deixi, minimo*, que em Port. pron. sempre *menino*, etc.” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 510-511)

- i. “No Brazil são mais de notar os provincialismos do Ceará, Rio Grande do Sul, Goyaz e S. Paulo.
Nesta última provincia, as syllabas soam todas ellas largas, abertas; a falla é descansada e como que cadenciada, a molhada *lh* não sôa na pronuncia – *teiado, miiio, fio p. telhado, milho, filho.*” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 511)
- j. “Também são de notar as mudanças phonicas; assim é que no Pará diz-se *Labisonhos* p. *lobis-homem*: geralmente, em todo Brasil a gente illetrada diz *Vosmecê* p. *Vossa merçê* [...]” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 520)
- k. “Assim é que não se ouve bem distinctamente o *l* molhado (*lh*) na pronuncia das palavras mulher, bilhete, alheio, dando-se a estes vocabulos a prolação do *l* simples.” (CARNEIRO RIBEIRO, 1890, p. 355)
- l. “No Pará é habitual o trocar o som do *ô* ou *ou* por *u* e vice-versa, dizendo-se: *canúa* por *canôa*; *cuco* por *côco*; *pupa*, *prua* por *pôpa*, *prôa*; *Jouca* por *Juca*.
Do Rio de Janeiro para o sul os sons das vozes *e*, *o* vão se tornando de mais a mais agudos. Assim no Rio se pronunciam as locuções adverbizadas – *de tarde*, *de noite*, *de manhã*, *apparecer*, *desapparecer*, como se fossem escriptas *dê* noite, *dê* tarde, *dê* manhã, *apparêcer*, *desapparêcer*.
Essa acuidade dos sons, já sensível na capital dos Estados Unidos do Brasil, torna-se muito mais notável em S.Paulo e no Rio Grande do Sul, onde se ouvem as expressões – *dé* noite, *dé* tarde, *dé* manhã, *fêche*, *cóllegio*, *depressa*, *copinho*, *um conto dé* reis, etc.” (CARNEIRO RIBEIRO, 1890, p. 355)
- m. “De accordo com a lei do menor esforço se explicam as *transformações* por abrandamento e as *quedas* dos fonemas, já no período histórico da formação da lingua, ex.: *digito* = *dedo*, *monstrare* = *mostrar*, *multo* = *muito*, já na prosódia popular, ex.: *aua* = *agua*, *bataia* = *batalha*, *qua* = *qual*, *ama* = *amare*, fenômeno peculiar aos Brasileiros indoutos”. (MACIEL, 1902[1894], p. 46)
- n. “Em Portugal fala-se mais depressa, a ligação das palavras é facto muito commum; no Brasil pronuncia-se mais pausada e mais claramente. Em summa, a phonetica brasileira é em geral diversa da phonetica lusitana.” (SAID ALI, 1919[1908;1895], p. 79)

Os fenômenos fonéticos mencionados, em muitos casos, são peculiares a determinados locais do Brasil. Por vezes repetitivos, podemos resumi-los aos seguintes: (i) Ribeiro, Carneiro Ribeiro e Pacheco & Lameira apontam que, no PB, ocorreriam alterações na duração de vogais, isto é, no PE certas vogais seriam breves enquanto, no Brasil, passariam a ter uma duração longa; (ii) Carneiro Ribeiro e Pacheco & Lameira mencionam pronúncias diferentes de certos sons consonantais em determinadas regiões brasileiras e portuguesas – caso de *dj*, *ch* e *lh*; (iii) Júlio Ribeiro destaca a neutralização entre ditongos nasais no PE, inexistente no PB; (iv) Carneiro Ribeiro indica, ainda, a alteração no grau de abertura de algumas vogais, que, no PE, seriam fechadas, ao passo que, no Brasil, a tendência seria optar por uma pronúncia mais aberta; e (v) Said Ali identifica a diferença de ritmo de fala, caracterizando o PE como ‘rápido’ e o PB como mais ‘pausado’.

Quando se consideram usos espalhados por todo o país, a tendência é de abordá-los mais descritivamente, cabendo principalmente aos usos regionais ou de determinados grupos as eventuais censuras. Novamente predominam os dados idealizados, o que, para este nível de articulação, naquele período, configura-se como a alternativa possível.

2.4 Fenômenos morfológicos

Citamos alguns fragmentos:

- a. “*Observação n. 2.*) Sobre o uso de *homem* como pronome diz o sr. Thophilo Braga : << No Portuguez do seculo XV e XVI, e ainda hoje na linguagem popular, encontra-se o substantivo *homem* usado como pronome indefinido. El-rei D. Duarte, traduzindo o Tratado *De modo Confidenti* de S. Thomaz de Aquino, traz : *Porém nom pôde* HOMEM *têr-se que alguma cousa não diga...* >> [...]. Sobretudo nos anexins populares é bastante frequente este facto: << *Anda* HOMEM *a trote para ganhar capote* >> por << *Anda-se* >>, etc. << *Deita-se* HOMEM *pelo chão para ganhar gabão* >>. O substantivo *gente* também se emprega neste sentido, sobre tudo no dialecto brasileiro : << *Quando a* GENTE *está com* GENTE... GENTE *me deixe...* >> (1: *Obra citada*, pag. 64).” (RIBEIRO, 1881, p. 61)
- b. “A palavra *voce* desterrou quasi que completamente da linguagem popular o pronome *vós*, conservando todavia suas prerrogativas de reverencia, ceremonial (3^a. pessoa), e é hoje um verdadeiro pronome.” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 92-93)

[Em nota de rodapé da página 92]: *Vós* ainda é empregado em alguns pontos de Portugal e Brazil na linguagem familiar.

- c. “9. - Os diminutivos da linguagem familiar e vulgar formam-se pela reduplicação ou pelo atrophamento da palavra: -- *mamãe, papae, titio, vovô, dindinho (padrinho); sôr, sô, seu (!)* = senhor; *sóra, sinhá, siá, sá* (Minas Gerais, Rio de Janeiro), *nhô, nhã* (S. Paulo), *nhonhô, nhanhã*, (R. J. etc.) [...]”
- 11.- Aqui cumpre lembrar uma fôrma diminutiva, que, por pouco frequente, nao deixa de ser graciosa.
É o emprego dos gerundios em diminutivo (*dormindinho*), que o nosso escriptor José de Alencar escreveu – *era um brazileirismo, muito particular á provincia do Ceará.*” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 186)
- d. “[...] Esse uso ainda é vulgar em Portugal (*Anda homem a trote para ganhar capote*); no Brazil dá-se preferencia á palavra *gente* (*a gente não sabe que hade fazer*).” (PACHECO & LAMEIRA, 1887, p. 373)
- e. “[...] em alguns brazileirismos o suffixo eira ou era representa o vocabulo tupi-guarani *cuér, cuéra, guê*, e denota o tempo passado. Taes são os dous exemplos: *Tap-era* (aldeia, taba, que existiu) *Capo-eira* – (matto caá, que existiu). ” (RIBEIRO, 1889 [1887], p. 72)
- f. “Assim como no organismo do vocábulo os fonemas se assimilam e se dissimilam, assim vocábulos há cujos fonemas se modificam por influencia dos de outros, de sorte que aquellas fôrmas irregulares e menos geraes se vão adaptando á prosódia de outras, mais conhecidas e mais geraes. Este fenômeno se dis *interferência* ou *analogia morfológica*, que ás vezes se exerce sobre um vocábulo inteiro ou expressão, transfigurando-os organicamente, por efeito de outro vocabulo. [...] A interferencia pode ás vezes resultar da coexistência de diversos processos para a expressão de uma mesma relação gramatical. Assim se explica por que o condicional, criação orgânica da línguas romanas, pode ainda ser eliminado pela interferencia do imperfeito do indicativo, ex.: eu *estudava*, si podesse, por eu *estudaria*... Este fenômeno querem que seja *brazileirismo*, mas já o temos achado em escriptores portugueses, maximé nos modernos; é uma tendência irresistível da lingua, por isso torna se commum tanto a *Brazileiros* quanto a *Portuguezes.*” (MACIEL, 1902[1894], p. 47-48)
- g. “Nalgumas palavras o sufixo *inha* ou *inho* aglutina-se ao positivo, mediante a vogal *a*, ex.: *campainha*, phenomeno este mais frequente

em Portugal do que no Brasil, ex.: *pintainho, fontainha*.” (MACIEL, 1902[1894], p. 147)

Novamente, os dados de análise aqui reunidos são idealizados; exceto um ou outro que é retirado de textos da literatura brasileira, como observamos no fragmento *c*, de Pacheco & Lameira.

Entre os fenômenos morfológicos mais comentados, estiveram peculiaridades na construção de formas do diminutivo, a incorporação de sufixos tupi-guarani, o uso arcaizante de *homem* como pronome indefinido e a emergência de *você* como pronome pessoal, além da “tendência irresistível da língua” de uso do imperfeito do indicativo no lugar do condicional.

A forma *gente, a gente*, é reconhecida como pronome indefinido (= as pessoas, se). Quanto a *você*, forma resultante de *Vossa Mercê*, Pacheco & Lameira são categóricos em afirmar que já se estabeleceu como pronome pessoal, em detrimento de *vós*, sendo ainda usada também como forma de tratamento. Autor contemporâneo, que revê sua gramática filosófica para adequá-la aos ditames da ‘orientação histórica’, Carneiro Ribeiro, em 1890, não registra a forma *você* e mantém *tu* e *vós* nos paradigmas verbais que constrói. Deve-se considerar que as gramáticas de Pacheco & Lameira e de Carneiro Ribeiro foram elaboradas no Sudeste e no Nordeste, respectivamente; nesse caso, é admissível a hipótese de que a observação de Pacheco & Lameira sobre o uso generalizado de *você* e a restrição do uso de *vós* apenas à linguagem familiar de alguns pontos do Brasil e de Portugal seja imprecisa. Por outro lado, considerando a hipótese de Pacheco & Lameira terem feito uma boa descrição, teria faltado a Carneiro Ribeiro ou observação do que predominava na língua (ainda que o uso não fosse o mesmo na Bahia), ou disposição para dar aval a algo tomado como inovação linguística. A Linguística histórica certamente dispõe de maiores recursos para arbitrar sobre a divergência entre os autores quanto ao lugar de *você* no sistema pronominal da língua entre os anos 1880 e 1890 no Sudeste e no Nordeste. O discurso de Pacheco & Lameira, na gramática como um todo, no entanto, soa menos conservador e normativo que o de Carneiro Ribeiro.

2.5 Processos gerais

Além da atenção a particulares níveis de articulação, como aponta a tabela, alguns dos autores teceram considerações de caráter mais geral, sobre a natureza da língua falada no Brasil, em geral incluídas em seções destinadas ao exame de processos de dialeção da língua portuguesa. Dentre os textos selecionados para este artigo, destacamos a gramática de João Ribeiro (1860

– 1934) para exemplificação, ainda que outros estudiosos (como Pacheco & Lameira) também tenham reflexões semelhantes. Alguns fragmentos:

- a. “O dialecto brasileiro – o impropriamente dialecto é constituido pela linguagem portugueza falada no Brazil. Distingue-se por diferenças notaveis de prosodia e de syntaxe, por um vocabulario novo de termos tupis-guaranis e africanos. A reacção litteraria de dous seculos nunca pôde obstar nem diminuir a dialectação do portuguez do Brazil.” (RIBEIRO, 1889 [1887], p. 306).
- b. “A dialectação que soffreu a lingua portugueza no Brazil foi devida a um grande numero de factores elementares. As novas necessidades da vida colonial, as condições climatericas e topographicas, as relações constantes com os povos originarios indios e com os africanos, que desde cedo foram introduzidos no paiz, deram em resultado uma alteração muito notavel na língua. A estes factores juntem-se outros esporadicos, como o povoamento das fronteiras por povos castelhanos, a disseminação dos ciganos expulsos de Portugal, e ter-se-ha o esboço bem claro de todas as influencias que poderia soffrer qualquer língua.” (RIBEIRO, 1889 [1887], p. 310).

O status conferido ao “dialecto brasileiro” (v. *a*) e a argumentação que o justifica (v. *b*) são frequentemente encontrados no período (cf. PINTO, 1978; COELHO, 2003) e coadunam-se com as formas preferenciais de exploração dos diferentes dados do PB, que vimos apontando, em textos gramaticais do período. Essa geração do final do século XIX reconheceu diferenças, relacionou-as a questões da história social, a clima, a formação étnica e – a partir de distintos pressupostos, ideologias e técnicas – construiu textos gramaticais mais normativos ou mais descritivos ao lidar com especificidades do PB.

Embora algumas das obras (cf. títulos e subtítulos nas Referências bibliográficas) tenham destinação explícita para alunos em estágios específicos da instrução escolar brasileira e as obras posteriores a 1887 em geral se remetam ao programa de ensino de Fausto Barreto⁸, um leitor mais especializado, conhecedor de outras obras gramaticais, de outros estudos linguísticos, volta-e-meia é desenhado no discurso ambíguo, entre o didático-normativo e o

8 Para este artigo, consultado em RIBEIRO, Julio. A Procellaria: 17 de Abril de 1887. In: *Cartas Sertanejas; Procellarias* (Edição Fac-símile). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: FUNDAÇÃO, 2007, p. 85-94.

científico-descritivo, desses estudiosos. São copiosas as referências e citações de estudiosos europeus e americanos que se destacavam em cada um dos dois subperíodos aqui delineados (começo e final do século). As tarefas em relação à instrução escolar, por um lado, e, por outro lado, a formação, ainda que incipiente, de um grupo (cf. MURRAY, 1994) de especialistas em questões linguísticas configura-se, assim, como mais um fator a favorecer flutuações e ambiguidades nos modos de lidar com o PB das gramáticas do século XIX. Ambiguidade que consideramos ainda persistente em parte de nossa produção gramatical, que tenta, simultaneamente, inserir-se num ambiente escolar prescritivo e num ambiente enformado por discursos autorizados pelas ‘ciências’ linguísticas.

Conclusões

As gramáticas de língua portuguesa produzidas no Brasil ao longo do século XIX acompanharam, como sabemos, duas tendências teórico-metodológicas principais: a da chamada ‘escola’ racionalista, ou ‘filosófica’, em voga nos três primeiros quartéis do século, e a dos estudos histórico-comparativos, identificados pela nossa Historiografia Linguística como ‘científicos’, dominante no último quartel. Notamos que as primeiras obras brasileiras, mais afeitas à orientação racionalista, tendem a não incorporar menções a peculiaridades locais, embora os autores, como vimos ao apresentar os trabalhos de Coruja e Sotero dos Reis, não as desconhecessem. É provável que não considerassem textos do gênero ‘gramática’ como apropriados ao tratamento de fenômenos atribuíveis a processos (particulares) de dialeção. A associação entre (bom) pensamento e (boa) linguagem reclamaria, do ponto de vista do método, quando os dados se mostrassem relevantes, a remissão aos textos ‘clássicos’ da língua e à literatura, e não à linguagem “*vulgar*”. Por outro lado, a orientação histórico-comparativa pressupunha a manipulação de dados e construía-se a partir da ideia de que as línguas estão em constante processo de mudança. Esses pressupostos favoreceram a maior presença de dados relativos aos usos brasileiros (generalizados, regionalizados, literários, de letrados e iletrados, bons ou ruins) nas obras publicadas a partir do trabalho inaugural de Julio Ribeiro, que foi, aliás, um dos autores mais atentos ao que se passava com a língua no país. No tratamento desses usos, os autores reportavam-se a outros estágios da história da língua, amparando-se nas mesmas fontes da gramática racionalista (os textos antigos e os literários), e a fenômenos da língua de sua própria época, que, na maioria dos casos vêm sem fonte de dados explicitada, parecendo ter sido elaborados pelos próprios autores. Essas diferenças teórico-

-metodológicas entre a primeira e segunda fases da gramaticografia brasileira explicariam, ao menos parcialmente, o fato de referências ao PB aparecerem tardiamente nessa tradição.

Essa primeira consideração, válida para identificarmos tendências gerais, deve ser, porém, relativizada. Vimos, por exemplo, que a gramática filosófica de Ernesto Carneiro Ribeiro apresenta exemplos de usos brasileiros. É fato que, nessa gramática, eles são concebidos como desvios (*vícios*) a serem corrigidos; mas esse então racionalista reconhece e registra uma série de dados particulares, sobretudo os situados nos domínios da pronúncia e do vocabulário. Na mesma medida, não é possível desconsiderar que as obras publicadas posteriormente ao Programa de Fausto Barreto (1887) estruturam-se em conformidade com um certo padrão, rigidamente seguido, por exemplo, no texto de Pacheco & Lameira, que organiza as ‘lições’ de acordo com os temas propostos por Barreto. Esse padrão, como se sabe, previa a presença de uma seção destinada ao tratamento, dentre outras peculiaridades, de dialetos e brasileirismos. Assim, uma questão contextual, relacionada ao processo de institucionalização do ensino de língua materna no país, parece ter interferido diretamente no fazer metalinguístico.

Quanto à natureza dos fenômenos, a maior atenção ao domínio sintático veio acompanhada de valorização mais negativa dos usos. O mesmo se dá quando estão em jogo os fenômenos fonéticos. O domínio da palavra, seja na dimensão mais propriamente lexical, seja na dimensão morfológica, mostrou-se o menos propenso a censuras dos descritores. Os fenômenos morfológicos, do ponto de vista quantitativo, são pouco expressivos, de forma que não permitem dizer se a tendência mais descritiva que normativa aqui observada é representativa da produção gramatical do período ao tratar desse nível da língua. Opostamente, os dados lexicais são abundantes e denotam, sim, visão positiva sobre as distinções vocabulares identificadas.

O registro de fenômenos como o estabelecimento da forma *você* como pronome pessoal (Pacheco & Lameira), a ocorrência de relativas copadoras (Maciel), a divergência em relação à colocação pronominal, a falta de clareza dos falantes em relação aos valores ‘tradicionais’ dos clíticos ou em relação às chamadas orações sem sujeito, reanálises em construções como *para mim ler*, uso espreado de *ter* em lugar de *haver* nas construções existenciais (estes, fenômenos apontados em todas as obras ‘científicas’, com exceção da de Carneiro Ribeiro) mostram habilidade de identificação de fatos relevantes. Ademais, importantes fenômenos explorados, como vimos, quase sempre estão relacionados a subgrupos linguísticos específicos (de determinadas regiões,

das classes menos instruídas) e às situações de uso menos tensas (linguagem familiar). Caso o mapeamento ‘sociolinguístico’ feito pelos gramáticos esteja correto, é de fato possível que eles tenham conseguido identificar processos já produtivos entre os grupos tradicionalmente associados, pela Linguística moderna, à implementação de mudanças nas línguas.

A quantidade de observações sobre o PB tem, considerados os textos em sua completude, uma posição marginal. Estas observações nos parecem, contudo, em relação às presentes em outros materiais produzidos à época e bem estudados em Pinto (1978), mais acuradas, de um ponto de vista técnico, e, por isso, merecedoras de revisitação por historiógrafos da linguística e da língua.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA NOGUEIRA, Batista Caetano de. *Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. de Antonio dos Santos, 1881.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009[1992].
- BACELAR, Bernardo de Lima e Melo. *Grammatica philosophica e orthographia racional da lingua portugueza, para se pronunciarem e escreverem com acerto os vocabulos d'este idioma*. Lisboa: S.T. Ferreira, 1783.
- BARROS, João de. *Grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Olyssiponne. Apud Ludouicum Totorigiu Typographum, 1540.
- BOSCOLI, José Ventura. *Grammatica portugueza. (corrigida e aumetada)*. [s.l.], 1899.
- BRAGA, Théophilo. *Gramática portugueza elementar*. Porto: Typographia de Antonio José da Silva, 1876.
- CALDAS AULETE, Francisco Julio. *Grammatica nacional*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1864.
- CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Gramática portugueza philosophica*. Bahia: Catilina, 1877.
- CARNEIRO RIBEIRO, Ernesto. *Serões Gramaticais*. Bahia: Livraria Catilina. 1890.
- COELHO, Francisco Adolfo. *Noções elementares de grammatica portugueza*. Porto: Lemos, 1891.
- COELHO, Olga F. *A anguzada lexicográfica luso-bundo-americana: língua e identidade nacional na segunda metade do século XIX*. 2003. 215f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- COELHO, Olga F. Os nomes da língua: configuração e desdobramento do debate sobre a língua brasileira no século XIX. In: *Revista do IEB*. nº 47 – setembro de 2008, p. 140-160.
- COELHO, Olga (coord.). *Documenta grammaticae et historiae: (Português): a formação de uma tradição gramatical brasileira*. São Paulo, CEDOCH-DL-USP, 2010.
- COELHO, Olga. O Português do Brasil em Macedo Soares (1938-1905). *Límite*. Revista de estudios portugueses y de lusofonia, v. 6, 2012 p. 199-215.
- CONSTÂNCIO, Francisco Solano. *Grammatica analytica da lingua portugueza, offerecida a mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil*. Paris: Officina Typographica de Casimiro, 1831.
- CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da grammatica da lingua nacional dedicado á mocidade rio-grandense*. Porto Alegre: Typographia de V. F. de Andrade, 1835.
- CORUJA, Antonio A. P. Collecção de Vocabulos e Frases usados na Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul. In: *Revista do IHGB*, 1852, Tomo XV, p. 205-238.
- CORUJA, Antonio Alvares Pereira. *Compendio da grammatica da lingua nacional dedicado á mocidade rio-grandense. Nova Edição Ampliada e Mais Correcta*. Rio de Janeiro: Esperança, 1873.
- COUTO E MELO, João Crisóstomo do. *Grammatica Philosophica da linguaagem portugueza*. Lisboa: Impressão Régia, 1818.
- CYRINO, Sonia M.L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 163-184.
- DANNA, Stela M. D. G. *Metalinguagem e 'escolha de retórica' em Bello (1853[1847]) e Said Ali (1919[1908]): faces dos estudos gramaticais na América do Sul*. 2014. 218f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DUARTE, Antonio da Costa. *Compendio de Grammatica philosophica da lingua portugueza, escolhido pela congregação do Lyceu do Maranhão para uso do mesmo Lyceu e das aulas de primeiras letras da provincia*. Maranhão: Typographia de J-C marques da Cunha Torres, 1829.
- FREIRE, Francisco José (Cândido Lusitano). *Reflexões sobre a lingua portugueza*. Typ. Soc. Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.

- FREIRE DA SILVA, Augusto. *Grammatica portugueza*. São Paulo; Maranhão: Typ. do Frias, 1875.
- GALVES, Charlotte. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.) *Português Brasileiro - uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da UNICAMP, 1993, p. 185-206.
- GOMES, Alfredo. *Grammatica Portugueza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1887.
- GRIVET, Charles Adrien Olivier. *Nova grammatica analytica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1881 [1876].
- GURGEL, Silvana. *O período dos estudos lingüísticos brasileiros dito científico na questão da colocação pronominal (1880-1920)*. 2008. 139f, mais anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LAGE, José Gonçalves. *Novíssima grammatica portugueza*. Coimbra: Manoel de Almeida Cabral, 1882.
- LOBATO, Antonio José dos Reis. *Arte da grammatica da lingua portugueza*. Lisboa: Typographia rollandiana, 1770.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica analytica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1887.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*. Rio de Janeiro: Typ. De Pazo & C., 1894.
- MACIEL, Maximino de Araújo. *Grammatica Descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. 3a edição augmentada com muitas notas e resumos synopticos. Rio de Janeiro e Paris: H. Garnier Livreiro-Editor, 1902[1894].
- MAIA, Zillah do Paço Mattoso. *Grammatica da lingua portugueza*. Rio de Janeiro, 1899.
- MORAIS SILVA, Antonio de. *Epítome da Grammatica Portugueza*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1806.
- MORAIS SILVA, Antonio de. *Grammatica portuguesa*. Rio de Janeiro: Typographia de Silva Porto, e Comp., 1824.
- MURRAY, S. O. *Theory groups and the study of language in North America: a social history*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- NUNES, Jairo M. *O Famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. 1990. 176f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- OLIVEIRA, Fernão d'. *Grammatica da Lingoagem Portugueza*. Lisboa: Casa de Germão Galharde, 1536.

- OLIVEIRA, Bento José de. *Nova grammatica portugueza. Compilada de nossos melhores auctores e coordenada para uso nas escholae*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1862.
- PACHECO DA SILVA JÚNIOR, Manuel e LAMEIRA DE ANDRADE. *Grammatica da Lingua Portugueza para uso dos gymnasios, lyceus e escolas normaes*. Rio de Janeiro: J. G. De Azevedo, 1887.
- PINTO, Edith Pimentel. *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1 – 1820/1920, fontes para teoria e a história*. São Paulo: Edusp, 1978.
- POLACHINI, Bruna. S. *O tratamento da sintaxe em gramáticas brasileiras no século XIX: estudo historiográfico*. 2013. 219f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- RIBEIRO, Júlio César. 1881. *Grammatica Portugueza. São Paulo: Typographia de Jorge Secler. Roboredo, Amaro de. 1619. Método gramatical para todas as línguas*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1881.
- RIBEIRO, Julio. A Procellaria: 17 de Abril de 1887. In: *Cartas Sertanejas; Procellarias* (Edição Fac-símile). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: FUNDAP., 2007, p. 85-94.
- RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1887.
- RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza: 3º anno. 3ª edição*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & C., 1889[1887].
- RODRIGUES, J. Barbosa. 1890. *Poranduba amazonense ou Kochiyima-Uara Porandub (1ª edição)*. Rio de Janeiro: pela tipografia de G. Leuzinger & filhos, 1890.
- SAID ALI, Manuel. *Difficuldades da Língua Portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1919[1908; 2ª edição - revista pelo autor].
- SOARES BARBOSA, Jerónimo. *Grammatica Philosophica da Língua Portugueza ou Princípios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*. Lisboa: Typ. Da Acad. Real das Sciencias. S. L., 1822.
- SOTERO DOS REIS, Francisco. *Curso de Litteratura Brasileira – Tomo Primeiro*. Maranhão, 1866.
- SOTERO DOS REIS, Francisco. *Grammatica portugueza accommodada aos principios geraes da palavra, seguidos de immediata applicação pratica*. Maranhão: Typ. de R. de Almeida, 1866.
- SOTERO DOS REIS, Francisco Sotero dos. *Grammatica portugueza*. Maranhão: Typ. de R. de Almeida, 1871.

- SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la gramática: técnica, modelización, estrategias, y condicionamiento. Actas Congreso de la Sociedade Espanhola de Historiografía Linguística. Córdoba, 2013 [Manuscrito inédito, cedido aos pesquisadores do CEDOCH], 2014, 10p.
- TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Philadelphia University of Pennsylvania. (Doctoral dissertation), 1983.
- VIDAL NETO, José Bento Cardoso. *A Grammatica Portuguesa, de Júlio Ribeiro: um corte epistemológico na gramaticografia de língua portuguesa no Brasil*. 2010. 141f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Recebido em 15 de julho de 2014.

Aceito em 26 de agosto de 2014.